

MARIAS-CHUTEIRAS X TORCEDORAS “AUTÊNTICAS”. IDENTIDADE FEMININA E FUTEBOL.

Leda Maria da Costa

Doutorado – Literatura Comparada – Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Introdução

Nunca na história, a mulher teve tanta liberdade para se autocriar em termos identitários. Nunca na história do futebol a participação das mulheres foi tão grande e significativa. Há um sensível desgaste na idéia de que “futebol é coisa de homem”, pois é muito difícil repetir essa sentença sem vê-la contestada pelo razoável número de mulheres que atuam como profissionais ou que fazem do futebol um lazer para os seus momentos de folga. Se ligarmos a TV ou o rádio, lá estão elas falando de futebol numa mesa redonda de domingo ou atuando como árbitras e jornalistas nos gramados do país e do mundo afora. Trata-se de um fenômeno mundial que já há algum tempo vem sendo tema de muitas pesquisas acadêmicas aqui e fora do Brasil. Este texto também segue o caminho de abordar a temática da participação feminina nesse território chamado futebol. E dentre vários assuntos a partir dos quais poderíamos dar partida a esse empreendimento, escolhi focar a mulher exercendo o papel de torcedora.

A mulher como-ser-que-torce vem se configurando um perfil feminino cada vez mais comum, perfil que se manifesta por diferentes meios que vão desde as arquibancadas até os espaços virtuais da Internet. Em grupo ou isoladas, o fato é que as torcedoras de futebol vêm ganhando visibilidade, estimulando, desse modo, novas formas de composição identitária feminina, assim como, criando um público apreciador e consumidor de futebol que traz para esse esporte diferentes demandas e significados. A proliferação de alguns produtos criados para uso específico do público feminino demonstra que o interesse das mulheres pelo futebol só faz crescer nos últimos anos. Vários são os modelos de camisas de times, Seleções e torcidas organizadas com versões mais apropriadas para o corpo feminino. Outros acessórios como bolsas, brincos, pulseiras, relógios, anéis e até roupas íntimas, com estampas do escudo de um time de futebol, podem ser facilmente encontrados.

Outro importante índice refere-se à presença das mulheres nas torcidas organizadas. Muitas dessas instituições possuem facções femininas: Jovem Fla Pelotão Feminino (RJ – Flamengo), Dragões da Real (SP – São Paulo Futebol Clube) e Galoucura Feminina (MG – Atlético Mineiro). Há também torcidas organizadas compostas exclusivamente por mulheres: Camisa 12 (RJ – Vasco da Gama), Mulheração (RJ – Volta Redonda), Gatas da Fiel (Pará – Paysandu). Há outras mulheres que se reúnem de modo virtual em sites de relacionamento e formam comunidades através das quais cantam seu amor a um clube ou ao futebol: “Mulher também gosta de futebol”, “Mulheres que amam futebol”, “Loucas por futebol”, “Força Feminina Vasco da Gama” etc. A simples existência desses agrupamentos, mesmo que apenas de modo virtual, aponta para uma crescente incorporação da mulher na esfera torcedora. Essa incorporação, entretanto, apresenta alguns obstáculos e um dos mais importantes refere-se à legitimação da mulher como indivíduo que não apenas é capaz de nutrir sentimentos de pertencimento clubístico, mas que também pode interessar-se pelo jogo de futebol, compreendê-lo em seus aspectos técnicos e táticos.

Essa necessidade de legitimação se justifica por uma certa desconfiança que ainda recai sobre a mulher quando o assunto é futebol. Durante um longo período esse esporte incorporou e disseminou uma série de “valores andriarcais” (Dunning, 323) e a torcida com seus gestuais, seu vocabulário e seus rituais, ao longo dos anos, se configurou como espaço simbólico e concreto de exaltação dos “atributos masculinos de potência, virilidade” (Toledo, 65, 1996). Sendo assim, é possível imaginar um bom número de obstáculos surgidos para a inserção e principalmente para a legitimação das mulheres como torcedoras nesse espaço de masculinidades exaltadas em que muitas das expressões pejorativas geralmente estão relacionadas ao gênero feminino¹.

Para os homens criados desde pequenos em contato com a bola e desde cedo fazendo dela assunto compartilhado em rodas de amigo, o interesse e o conhecimento acerca do futebol são tomados como auto-evidentes. Já as mulheres, quase sempre dissociadas do esporte mais popular do país, ainda precisam mostrar que não apenas gostam, mas que também são capazes de compreender o futebol em seus múltiplos aspectos. Elas carecem de credibilidade como torcedoras. Credibilidade que também se vê diminuída por conta da pouca experiência feminina na prática do jogo, afinal comparado aos homens não é grande o número de mulheres que praticam futebol como profissional ou mesmo amadoras. Anne Coddington, toca neste ponto reconhecendo-o como um dos principais obstáculos enfrentados por várias torcedoras: “‘You’ve never played football’. And that accusation is one that a men can always make to a women (...). There remains a vital connection between women playing and supporting football” (Coddington, 11).

É comum pressupor que futebol é um tema sobre o qual as mulheres não possuem autoridade para conversar. Baseado nessa hipótese recentemente circulou na Internet um texto intitulado “Regras

¹ Jogar de salto alto; Jogar como mulherzinha; Maria-chuteira etc.

para as mulheres na Copa do Mundo” cujo primeiro mandamento estipulava: “1 – De 9 de junho até 9 de julho de 2006, você deve ler toda a seção de esportes do jornal para ficar atualizada sobre o que está acontecendo na Copa do Mundo, desta forma você estará capacitada à juntar-se às conversas. Se você falhar nesta atividade, você será olhada de uma forma ruim, ou será totalmente ignorada. NÃO RECLAME por não estar recebendo nenhuma atenção.” A falta de conhecimento das mulheres em relação às regras de futebol também foi um tema amplamente explorado por comerciais, jornais impressos e programas televisivos exibidos no período da Copa do Mundo. O *Fantástico* da Rede Globo de televisão colocou no ar um quadro em que alguns galãs das telenovelas explicavam as regras básicas do futebol para as mulheres. Seguindo essa mesma linha, o *Domingo espetacular* da Rede Record, realizou um encontro com algumas mulheres, entre elas a mãe do jogador Cafu e a árbitra Silvia Regina, com a intenção de testar seus conhecimentos acerca do futebol. Grande parte dos meios de comunicação envolvidos na recente cobertura da Copa do Mundo entrevistou um público feminino pouco familiarizado com o futebol e cujo interesse pelo referido esporte somente é despertado nos períodos da Copa por conta da participação da Seleção Brasileira. Sendo assim, se fez presente uma necessidade de justificar a presença feminina em um território tão marcadamente masculino e esse mecanismo pode ser percebido no seguinte comentário postado no Blog “Bola, batom e companhia” hospedado no Globo on line:

Rapaziada, pedimos licença para invadir a área sagrada do futebol vosso de cada dia (...) Pois é, o Mundial está chegando e a gente resolveu experimentar também um pouco dessa obsessão. Daí a idéia do blog "Bola, Batom e Cia."²

Tantos anos de predomínio masculino deixaram suas marcas no imaginário futebolístico nacional. Para se estabelecerem como torcedoras, é preciso ir contra uma série de representações que fomentaram a idéia de que as mulheres e o futebol atuam em campos opostos. Certamente o aumento da participação feminina vem desmistificando essas afirmações tornando-as alvo de ampla contestação, mesmo assim ainda é possível perceber a permanência de opiniões e visões que enxergam a mulher como elemento ainda pouco integrado ao universo futebolístico. Entretanto não é apenas contra estereótipos que se volta parte do público feminino de futebol. Público que não é composto apenas por gente cuja atenção é totalmente voltada para o futebol e que diferentemente dos homens possui mais liberdade para assumir outros tipos de interesse. Há um bom número de mulheres, principalmente as mais jovens, que passam a freqüentar treinos e jogos para verem de perto jogadores que se tornaram ídolos em suas vidas não por causa da habilidade com a bola, mas por causa dos seus dotes físicos. Jogadores como Kaká, Beckham, Adriano e tantos outros são alvo de suspiros de meninas que se

² <http://oglobo.globo.com/online/blogs/batom/>

organizam em fã clubes para seguirem seus passos em todo canto do planeta. Outras mulheres passam a conviver com o futebol para fazer dele uma arena de flertes em que a beleza não importa tanto e o que conta mesmo é o status econômico e social do jogador.

Os estereótipos femininos e as diferentes modalidades de relacionar-se com o futebol constituem uma questão extremamente importante para a composição identitária de um bom número de mulheres desejosas de legitimarem-se como torcedoras. Dialogando com as questões acima elencadas, mais à frente serão abordadas de maneira breve algumas formas de representação e auto-representação do público feminino de futebol.

O futebol, assim como outras modalidades esportivas, proporcionou à mulher uma das raras oportunidades de exposição e inserção nos espaços públicos da cidade. Os esportes chegam à cidade trazendo consigo novos modos, hábitos e comportamentos que por serem considerados modernos foram adotados, principalmente, pela elite. Mesmo que inicialmente a prática esportiva não lhe fosse recomendada, assistir às disputas de remo, às corridas de cavalo e aos jogos de futebol representava para a mulher estar mais próximo de um modelo moderno de feminilidade. Mas a relação entre a mulher e o futebol foi uma via de mão dupla. A presença de senhoritas da alta sociedade contribuiu muito para dar uma atmosfera fidalga ao esporte bretão associando-o à elegância, tranquilidade e beleza tornando-o, portanto, um esporte apropriado para as famílias mais abastadas: “As jovens moças – descritas pelo cronista como ‘o elemento frágil da série humana’ – eram portanto parte ativa da consolidação do jogo por entre esses círculos elegantes, contribuindo decisivamente para sua transformação em evento social da moda” (Pereira, 76).

Ainda na década de 1920 duas peças de teatro estampam no título o termo “torcedora” o que indica o início da incorporação no imaginário dessa figura ainda embrionária. Na peça “As torcedoras” escrita por Luiz Iglesias e M. Paradella, em 1927, o jogo de futebol é usado como metáfora das relações entre elementos da mesma família entendidos como adversários que atuam em campos opostos. A primeira cena da peça nos mostra a personagem Margarida pedindo ao pai para assistir ao jogo entre Flamengo X Vasco, pedido que é negado, pois Regina a madrasta da menina tinha-lhe colocado de castigo. Irritada com os desmandos da madrasta, Margarida e sua irmã, Rosa, acompanhadas de seus noivos decidem pagar ao empregado Marvino para que ele finja estar apaixonado pela madrasta delas. Margarida, Rosa e seus noivos ficam à espreita assistindo à encenação de Marvino e, fazendo a vez de torcedores, anseiam para que a madrasta ceda aos encantos do empregado e seja flagrada em adultério. O plano miraboloso dá certo: “foi canja, um a zero ali na Dona Regina” e chantageada a madrasta se vê obrigada a consentir com o casamento das enteadas. Mesmo que no início a peça mostre a personagem Margarida manifestando vontade de assistir à partida entre Vasco X Flamengo, no restante da peça o termo torcedora é empregado em sentido metafórico, para fazer referência ao desejo das duas irmãs de “vencer” a madrasta conseguindo da mesma autorização para o matrimônio.

Algo diferente ocorre na peça “A torcedora do Vasco” escrita, em 1921, por Antonio Quintiliano. Apesar de ser uma obra com forte tom caricatural é possível perceber um novo perfil feminino traçado por intermédio do esporte que no caso não é o futebol, mas o remo. No lugar das mocinhas desprotegidas, à espera de um casamento ou subordinadas aos seus maridos, vemos uma mulher que autoritariamente inverte os papéis e que ao longo da peça não cansa de repetir “Que marido maricas!”. Sofia manda e desmanda na casa, a sua palavra é sempre a última cabendo ao marido Leandro apenas concordar com suas decisões. Além de mandona Sofia não é aquela esposa prendada e sempre preocupada em cuidar do marido, ao contrário, Sofia “só cuida de regatas!” Nada de cozinhar, lavar roupas ou limpar a casa, pegar o carro e ir à praia torcer pela equipe de remo do Vasco da Gama é a principal atividade de Sofia. Essa mulher tem anexado ao seu perfil dois ícones da modernidade: o automóvel e o esporte. Mesmo que ambos sejam experimentados ainda de maneira passiva – já que Sofia não dirige o carro e não pratica, mas assiste às competições de remo – a peça “A torcedora do Vasco”, mesmo que com estilo cômico e excessivo, trabalha ficcionalmente um fenômeno perceptível no cotidiano daquela época e que diz respeito ao surgimento de novos modelos de mulher a partir da sua relação com o esporte.

Especificamente no que diz respeito ao futebol, a participação feminina na platéia de um jogo diminui principalmente com a popularização dessa modalidade e a crescente participação das camadas menos abastadas (Bruhns, 81). Quando o futebol perde sua fidalguia, muitas mulheres são desestimuladas ou mesmo proibidas de freqüentarem as arquibancadas. Com a popularização, a figura do torcedor é consolidada como elemento indissociável do futebol. Os anos de 1940 são marcados pela formação de alguns agrupamentos de torcedores, como, por exemplo, a carioca Charanga Rubro-Negra liderada por Jaime de Carvalho e a Torcida Uniformizada do São Paulo fundada por Laudo Natanael e Manoel Porfírio (Toledo, 22). O pertencimento clubístico e a paixão devotada ao time de coração passam a ser peças principais na composição identitária do torcedor. Num conto de 1943, Paulo Coelho Neto, delinea através do personagem Fagundes o perfil de um torcedor cujo humor variava de acordo com o desempenho de seu time: “Domingo em que seu clube perdia, ele se tornava insociável (...) A cabeça pesava-lhe, doía-lhe o corpo, a boca amargava-lhe” (Neto, 63).

Nessa época o ideal de torcedor costumava ser encarnado pela figura do torcedor-símbolo cuja imagem representava espontaneidade e amor incondicional ao clube de coração. Apesar de pouco numerosas, algumas mulheres ganharam visibilidade por compartilharem daquele mesmo sentimento. Em 1953, a torcedora-símbolo Elisa destacava-se na massa torcedora, daí o prêmio de torcedora n.º 1 do Corinthians, chegando a ganhar ingresso permanente da Federação Paulista de Futebol o que lhe

permitia entrar em qualquer campo. A torcedora que não gostava de bagunça e que orgulhosamente dizia “Eu não faço desordem, tenho um nome a zelar. Eu sou Elisa, meu senhor” (Diaféria,118) era figura pública conhecida e respeitada.

Outra mulher a se destacar no cenário futebolístico foi Dulce Rosalina que em 1961 ganhou o concurso de melhor torcedor do país e cujo troféu deu ao seu time de coração Vasco da Gama, a quem costumava acompanhar em partidas pelo Rio de Janeiro afora: “aqui lhe dou tudo quanto posso, compareço às concentrações, animo os atletas, ouço os dirigentes, dou-lhes o meu palpitezinho e, sempre em companhia do Ramalho e de outros devotados vascaínos, estou presente no comando da nossa torcida” (Carvalho, 163). A torcida em questão era a TOV fundada em 1944 por João de Lucas que por motivos de saúde em 1956 passa a presidência para as mãos de Dulce Rosalina que se torna a primeira mulher a liderar uma torcida organizada. Por problemas políticos em 1976 Dulce deixa a TOV e funda a Renovascão da qual participou até seu falecimento em 2004.

O fato de serem mulheres contribuiu muito para a popularidade tanto de Dulce Rosalina quanto de Eliza do Corinthians, conferindo-lhe singularidade, afinal, nas décadas em que elas surgem no cenário futebolístico a torcida, em sua ampla maioria, era formada por homens. Nos períodos seguintes, a predominância masculina continuou e alguns estudos apontam para o decréscimo da participação feminina nos estádios, principalmente nos anos de 1980, o que poderia estar relacionado ao aumento da violência praticado pelas organizadas (Lever, 1995, p. 13). Por sua vez, as organizadas demoraram a incorporar o elemento feminino e em alguns casos prescreveram normas de conduta para as meninas filiadas aos seus quadros (cf, César, 1981). Alguns membros de organizadas costumam justificar a escassez de agrupamentos femininos por conta do temperamento das mulheres pouco afeito à união e constantemente inclinado à promover desavenças internas nos grupos dos quais fazem parte (Teixeira, 58). De fato os agrupamentos femininos são pouco numerosos e em sua maioria possuem uma estruturação precária, o que significa dizer que raramente ostentam bandeiras ou símbolos e que se reúnem com certa inconstância.

Atualmente, a Internet tem se mostrado um dos principais veículos através do qual as mulheres interessadas em futebol manifestam suas idéias e posturas comportamentais. Grande parte do discurso colocado na rede demonstra uma recorrente necessidade de distinção entre as mulheres “verdadeiramente” interessadas em futebol e aquelas que fazem dele um mero veículo de entretenimento passageiro e superficial. Essa necessidade é reflexo de uma dificultosa incorporação do elemento feminino na esfera torcedora, porque apesar do destaque que algumas mulheres ganharam por conta de sua dedicação a algum clube, a imagem que ecoa em nosso imaginário está mais próximo

daquela grã-fina narinas de cadáver que segundo seu criador Nelson Rodrigues costumava perguntar incessantemente ao marido “quem é a bola?”. Ao lado dela figura a Maria-chuteira que herda sua falta de interesse pelo jogo, mas faz dele um trampolim econômico e social. À medida que o futebol foi se tornando um esporte capaz de movimentar cifras milionárias a Maria-chuteira ampliou seu campo de atuação e longe de desaparecer estão mais presentes do que nunca. É em oposição a esse tão antigo modo de interação feminina com o futebol que um bom número de torcedoras contemporâneas vêm alicerçando suas identidades.

Há uma espécie de luta por legitimidade expressada por parte do público feminino do esporte mais popular do país, daí o imperativo de separar o joio do trigo ou, no caso, separar as “autênticas” torcedoras do restante, muitas vezes, denominado genericamente de Maria-chuteira. A facção feminina da Dragões da Real deixa clara essa distinção:

‘Marias chuteiras’. Era assim rotulada a presença feminina nos estádios brasileiros pelos mais machistas. Se referiam desta forma às mulheres que iam aos estádios *não para torcer, mas para ver seus ídolos*. Podemos dizer que esta visão sobre a presença feminina já quase não existe, embora as “marias chuteiras” continuem existindo, hoje são absoluta minoria nos estádios. Logo foi percebida a presença das *verdadeiras* torcedoras em grandes clássicos, em caravanas para outros estados e até outros países, presença esta que não podia ser ignorada”

(<http://www.dragoesdareal.com.br/nucleos/femin.html> – Grifos meus)
(<http://www.dragoesdareal.com.br/nucleos/femin.html>)

A terminologia, antes usada para denominar de maneira geral e estereotipada a presença feminina nas arquibancadas, é empregada pelas meninas da Dragões para criar uma importante diferenciação dentro daquilo que antes era concebido como indiferenciado. Maria-chuteira passa a denominar uma camada específica no interior do público feminino, uma camada formada por mulheres que privilegiam a visão em detrimento de um envolvimento mais intenso com o futebol. A oposição criada entre as esferas do *ver* e a do *torcer* enfatizadas no trecho acima simbolizam formas de participação diferenciadas, a primeira representa o contato superficial baseado primordialmente no impacto da imagem e o segundo configura-se como um ato que envolve o corpo como um todo: “Eu admiro com os olhos e vejo com a mente, mas, para torcer, sou obrigado a usar meu corpo: minhas mãos, minhas pernas, minha boca e todo meu corpo” (DaMatta, 113).

Não é difícil compreender a aversão gerada pela figura da Maria-chuteira, afinal essa personagem de ampla penetração no imaginário nacional é freqüentemente representada de maneira folclórica e quase sempre depreciativa. Elas seriam produto da astúcia feminina que faz uso da beleza em benefício próprio. Sedutoras, elas reforçariam a imagem da mulher interesseira que se aproxima dos homens buscando apenas dinheiro e fama. Do futebol, elas querem apenas o prestígio e o status que

esse esporte possa lhe oferecer por intermédio dos jogadores. O colunista Xico Sá da *Folha de São Paulo* traça um irônico e mordaz perfil dessa personagem a qual nomeia de Sheylla:

Sheylla chuta a canela: "Maria-Chuteira sim, jamais uma celebridade fajuta que corre atrás de craques estrelas para faturar na mídia". A moça tem história. É Maria-Chuteira desde a várzea, quando apaixonou-se perdidamente e o coração fez overlapping com um lateral do torneio "Desafio ao Galo".

Ela sabe tanto que até entendeu a ótima coluna do Tostão, aqui nesta Folha, sobre Lacan, Freud, vida real, Romário e os seus símbolos. Uma danada, essa mulher quase honesta.

Esperta, já começou a escrever um livro sobre o assunto, aproveitando dos seus pendores árabes: "O baixinho - mil gols, mil e uma noites".³

É necessário não se deixar confundir com essa tipologia feminina, por isso comunidades virtuais como, por exemplo, a "Mulheres que amam futebol" fazem questão de ressaltar o público alvo que se deseja atingir: "Mulheres que: Amam assistir o jogo; Amam jogar; Amam ir ao estádio; Amam seu time; Amam tudo isso ao mesmo tempo"⁴. As qualidades enumeradas reforçam um perfil de mulher que se aproxima do futebol por motivações relacionadas ao prazer de assistir os jogos ou mesmo de praticá-lo. A paixão pelo clube também é o principal critério para se ser aceita como sócia da torcida organizada Feminina camisa 12 que em seu site adverte: "Apenas mulheres apaixonadas (pelo Vasco, é claro!) podem fazer parte desta torcida, que fica nas sociais de São Januário"⁵. Já a comunidade "Fanáticas futebol clube" enfatiza que gostar só não basta, é preciso também demonstrar conhecimento, por isso a comunidade alerta que pretende reunir: "Mulheres que amam e *entendem* o futebol."⁶

É provável que as Maria-chuteira sejam tão antigas quanto o futebol e é possível que também elas possuam algum parentesco com as Maria-gasolina. Ambas as personagens demonstram a força do impacto de dois ícones da modernidade que passam a servir de mediadores das relações amorosas. Tanto um quanto outro foi responsável por mudanças no perfil masculino. No caso dos esportes, sua introdução nas cidades refletiu nos próprios corpos masculinos. Homens fortes com seus músculos à mostra transformaram-se rapidamente em objeto de admiração e desejo das mocinhas que freqüentavam os clubes. Adeus ao homem das letras, pálido e fraco. Em seu lugar surge o atleta ou no caso específico, o jogador de futebol dono de "uma espécie de retórica física, incomparavelmente mais eficaz do que a verbal" (Rosenfeld, 81). A eficácia verbal passava de mãos, agora as mulheres é que recorriam aos versos para cantar a beleza e a força daqueles jogadores que em campo exibiam vigor e virilidade. Assim nasceram os versos de *O salto*, que deu a sua autora, Ana Amélia de Mendonça, o

³ "Prazer, Maria-chuteira". *Folha de São Paulo*, 20 de Janeiro de 2006.

⁴ <http://www.orkut.com/Community.aspx?cmm=435635>

⁵ <http://www.netvasco.com.br/torcidas/femininacamisa12/>

⁶ <http://www.orkut.com/Community.aspx?cmm=9463400>

título de a “primeira mulher brasileira a tratar de futebol” (Pedrosa, 1967, 109). Ana Amélia fez o poema em homenagem ao seu futuro marido, o goleiro Marcos de Mendonça, do qual enamora-se durante uma partida do Fluminense.⁷

A mediação do futebol nas relações amorosas também é abordada no conto “Corinthians (2) X Palestra (1)”, de 1927, de Alcântara Machado. Nele vemos a personagem Miquelina que costumava enamorar-se do jogador cujo time fosse vencedor. Por conta disso, separa-se de Biagio atleta do Corinthians, passando a “torcer para o Palestra. E começou a namorar Rocco.” (1990, 34). O futebol é nesse conto o principal símbolo de modernidade que configura o cenário de uma São Paulo cada vez mais urbanizada, sendo atravessada por automóveis, bondes e aeroplanos: “Moças Comiam amendoim torrado, sentadas nas capotas dos automóveis (...) Um aeroplano passou sobre o campo (Id, 35). O futebol conferia ao homem um status diferenciado, principalmente se ele fizesse parte do time vitorioso, por isso o embate Corinthians X Palestra simboliza a disputa entre Rocco e Biaggio pelo amor de Miquelina. Após a vitória do Corinthians, o antes desprezado Biaggio volta a ser alvo do interesse amoroso dessa menina que vincula a paixão pelos homens à paixão pelo time.

O futebol proporcionou as mulheres uma ampliação dos contatos sociais e afetivos. Frequentar jogos de futebol pôde e ainda pode significar uma ótima oportunidade de paquerar e encontrar um par romântico seja ele jogador ou não. A poetisa Ana Amélia de Mendonça ficou encantada com o perfil atlético do goleiro Marcos de Mendonça, mas tinha um caso antigo com o futebol. Quando aos 13, volta da Europa traz consigo livros de poesia e algumas bolas de futebol, transformando-se, então, numa incentivadora do esporte bretão chegando mesmo a treinar os operários da fábrica de seu pai (Coutinho, 114). Já Dulce Rosalina foi casada com o jogador Ponce de Leon, na época do São Paulo F.C e tempos depois se tornou, como vimos, uma torcedora-símbolo do Vasco da Gama. Por sua vez, a torcedora-símbolo do Flamengo Dona Zica orgulha-se de ter conhecido seu marido nas gerais do Maracanã, lugar que frequentava desde os 11 anos de idade.

As Maria-chuteiras apontam para um contexto de mudanças proporcionadas pelo advento do futebol nas cidades. Mas também sugere certas continuidades e em grande parte por conta dessas continuidades elas se transformaram na principal antagonista de mulheres em busca de reconhecimento e legitimidade como torcedoras. As Maria-chuteira encarnam alguns estereótipos femininos relativos à astúcia, à mentira e à desfaçatez atributos indispensáveis para aquelas que estão sempre dispostas a ludibriar o homem. Como diz a canção: “Vivia ao lado de pagodeiros/ E dos jogadores de futebol/ Meu futuro tava escrito: viagem, grana e sol/ E foi numa dessas boates que escolhi a minha vítima (...)

⁷ Ao ver-te saltar para um torneio atlético,

Sereno, forte, audaz como um vulto da Ilíada,

Todo o meu ser vibrou num ímpeto frenético.

Como diante de um grego, heróis de uma Olimpíada

Maria-chuteira transar sem camisinha/ Maria-chuteira depois pagar pra ver/ O cara tinha futuro/Seu destino era a Espanha.⁸

No futebol nacional não há heroínas dos gramados. Falar da presença feminina nesse território é trazer à mente a figura da Maria-chuteira. Mas novos tempos vêm chegando, tempos em que as mulheres vão poder abrigar o futebol em suas vidas sem ter que explicar o porquê.

4. Conclusão

Obviamente mecanismos de diferenciação são amplamente usados também por torcedores do sexo masculino que de várias maneiras tentam demarcar diferentes níveis de autenticidade para o ato de torcer. Entretanto no caso das mulheres é interessante perceber que antes de tudo elas buscam consolidar-se no papel social de torcedora já que se pressupõe que elas não são capazes de compreender o jogo em seus aspectos técnicos e táticos, assim como não são capazes de devotar a um clube paixão e dedicação.

Um aglomerado de torcedores produz aquilo que chamamos de torcida, substantivo feminino que designa um espaço que, durante muito tempo, foi compreendido como próprio para manifestações de masculinidades. Se sob a pele do torcedor se abrigam indivíduos de diferentes classes sociais, faixa etária, grau de escolaridade e uma série de outros fatores que impedem que nós o vejamos como uma entidade homogênea, o gênero também constitui fator importante a ser levado em conta. O torcedor é uma figura que por diferentes modos experimenta o mundo através do futebol e experimenta o futebol através do mundo, vivenciando valores, sentimentos e hábitos despertados pelo quique da bola. Trata-se, portanto, de uma dimensão que põe em rotação uma constelação de signos cuja produção e leitura podem ganhar novas e diferentes perspectivas caso levemos em consideração o gênero de quem torce.

BIBLIOGRAFIA

BRUHNS, Heloísa Turini. *Futebol, carnaval e capoeira*. Campinas: Paupirus, 2000.

CARVALHO, João Antero de. *Torcedores de ontem e de hoje*. Rio de Janeiro: Teatral, 2005

CÉSAR, Benedito. *Os Gaviões da Fiel e a águia do capitalismo*. Unicamp. Dissertação de Mestrado.

CODDINGTON, Anne. *One of the lads*. Women who follow football. London: Harper Collins, 1997.

DIAFÉRIA, Lourenço C. A mais que fiel Elisa. Pedrosa, Milton. *O olho na bola*. Rio de Janeiro: Itambé, 1968.

DAMATTA, Roberto. *A bola corre mais que os homens*. Rio de Janeiro: Rocco, 2006.

⁸ “Maria-chuteira”, música do grupo Velhas Virgens.

- DUNNING, Eric/ MAGUIRRE, Joseph. As relações entre os sexos no esporte. *Revista de estudos feministas*. IFCS/UFRJ, Rio de Janeiro, p. 321- 48, v.5, nº 2, 1997.
- IGLESIAS, Luiz/ PARADELLA, M. “As torcedoras”. Arquivo Nacional. Delegacia auxiliar da Polícia do Rio de Janeiro (índice de peças, gêneros e onomásticos) SDE 021, Código de fundo 6E.
- MACHADO, Antonio de Alcântara. Corinthians (2) X Palestra (1). Ramos, Ricardo. A palavra é... futebol. São Paulo: Scipione, 1990.
- QUINTILIANO, Antonio. “A torcedora do Vasco”. Arquivo Nacional. Delegacia auxiliar da Polícia do Rio de Janeiro (índice de peças, gêneros e onomásticos) SDE 021, Código de fundo 6E.
- PEDROSA, Milton (org.) *Gol de letra – o futebol na literatura brasileira*. RJ: Editora Gol, 1967.
- PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. *Footballmania*. Uma história social do futebol no rio de Janeiro, 1902-1938. RJ: Nova Fronteira, 2000.
- ROSENFELD, Anatol. *Negro, Macumba e futebol*. Petrópolis: Perspectiva, 2000.
- TEIXEIRA, Rosana da Câmara. *Os perigos da paixão*. Visitando as jovens cariocas. Rio de Janeiro: Annablume, 2004.
- TOLEDO, Luiz Henrique de. *Torcidas organizadas de futebol*. Campinas: Anpocs, 1996.